

“Pardieiro Infecto”: A Representação da Rússia em *Tintim no País dos Sovietes*

Lúcio De Francisca dos Reis Piedade Filho

Graduando em História, UEMG/FCCP

lucius.rp@bol.com.br

Resumo: Esse artigo propõe uma análise acerca da representação da Rússia (U.R.S.S.) em *As Aventuras de Tintim – Repórter do “Petit Vingtième” no País dos Sovietes*, do desenhista belga Hergé, tomando como base um breve olhar sobre a vida do autor e o contexto histórico da obra. Datada do início dos anos de 1930, a revista traz idéias anticomunistas e é um retrato do imaginário em voga nos países ocidentais no período, do que deriva forte crítica ao socialismo, crítica esta que permeia toda a primeira obra de Hergé. O estudo pretende analisar de que maneira ambições econômicas moldaram a representação da Rússia na aventura de Tintim em questão.

Palavras-chave: Anticomunismo, Tintim, Capitalismo

1. Introdução

O presente trabalho discorre acerca do Socialismo na União Soviética e propõe uma análise acerca da forma como a Rússia (U.R.S.S.) é representada na obra *As Aventuras de Tintim – Repórter do “Petit Vingtième” no País dos Sovietes*, do desenhista belga Hergé. Tomo como ponto de partida um breve olhar sobre a vida do autor, aliado à uma análise da importância de Tintim e de seu contexto histórico.

A obra a ser examinada, *As Aventuras de Tintim – Repórter do “Petit Vingtième” no País dos Sovietes* (ou meramente *Tintim no País dos Sovietes*), surgiu na década de 1930 e traz consigo uma vasta compilação de ideais anticomunistas, que tomavam como base a mentalidade em voga nos países ocidentais, segundo a qual o comunismo representava um risco à democracia e ao capitalismo, e este, por sua vez, declarou-se corrente de pensamento antagônica à outra. Deriva disso um imaginário de tendência anticomunista que permeia toda a primeira obra de Hergé. O estudo pretende analisar como ambições econômicas moldaram a representação da União Soviética na primeira aventura de Tintim.

1.1. Hergé e sua criação

Georges Rémi, da escola franco-belga, criou Tintim, um dos personagens mais conhecidos do mundo dos quadrinhos. Nascido em 22 de maio de 1907 próximo a Bruxelas, Georges Rémi cresceu nos subúrbios de Marolles. Praticamente criou a profissão de desenhista na Bélgica, e foi considerado o mais importante desenhista europeu de todos os tempos. Certa vez declarou, quando criança, que deveria se tornar um clérigo ou um fotógrafo, por não existir em seu país o trabalho de desenhista (MOYA, 1993, p. 61).

De acordo com Hiron Cardoso Goidanich, Georges Rémi passou a assinar os seus desenhos com o nome Hergé a partir de 1924, quando fazia parte dos Escoteiros Católicos Belgas. Criou para essa organização *Totor, C.P. des Hannetons*, onde se encontrariam alguns traços de Tintim. Seu pseudônimo deriva da inversão de suas iniciais, da maneira como se pronunciam na França (Remi, Georges). No ano de 1925, após deixar a escola, foi contratado pela revista *Le Vingtième Siècle*, publicação católica-direitista da Bélgica. Em 1928, após prestar serviço militar, foi nomeado editor-chefe do suplemento semanal da publicação, destinado ao

público infantil, o *Le Petit Vingtième*, no qual “nasceriam”, em 1929, Tintim e Milu. A primeira história era tão primária e reacionária que o autor permitiu a sua reedição em álbuns somente no final da vida. Mas o jovem repórter e seu cão tornaram-se ídolos das crianças belgas, fenômeno que se disseminou em países como França, Holanda, Espanha, Itália e outros.

Deve-se a Hergé a criação de um estilo que não só marcou a maioria dos seus precursores, mas criou os diferenciais básicos entre os quadrinhos do Velho Mundo e os norte-americanos. Não só deixou admiradores em todo o mundo dos quadrinhos, mas seguidores de um estilo que deu força, vigor e inventividade aos quadrinhos europeus (GOIDANICH, 1990, p. 165).

1.2. Tintim: sua importância e seu contexto histórico

Pelo seu sucesso, Hergé foi o deflagrador da “escola belga” de quadrinhos, influenciando os franceses. Sua primeira história, *Tintim no País dos Sovietes*, era uma obra contra o comunismo. O sucesso levou-o ao Congo Belga, numa história evidentemente colonialista. Já a terceira história, que se passaria na China, teve a assessoria de um padre que a visitara e alertou o autor para cuidar melhor de conhecer o país retratado. *Lótus Azul* marca uma virada, pois traz uma forte sátira política em que os problemas assumidos influenciariam todas as outras obras. A partir daí, as pesquisas de texto e visualização dos países envolvidos nas aventuras de Tintim passaram a ser realistas e cuidadas (MOYA, 1993, p.61).

Ao longo das vinte e três revistas do jovem herói, Hergé “destilou 50 anos de política, de guerras (...) Pode-se estudar a história do século vinte através de Tintim”¹. Suas histórias são uma mescla de aventura e humor, e envolvem paisagens reais, situações políticas contemporâneas, e figuras coadjuvantes de primeira qualidade. Tintim, o jovem repórter católico e loiro, sempre acompanhado pelo seu fiel *fox terrier* Milu, luta pela justiça e é o jovem que conserta o mundo. Segundo Álvaro de Moya, Hergé criou também para a historieta várias outras personagens inesquecíveis, como os irmãos gêmeos detetives Dupont e Dupond, o gênio do mal Rastapopoulos, o incurável conspirador General Alcazar, a cantora de ópera Bianca Castafiore, o irascível capitão Haddock e o surdo professor Girassol.

Em 10 de janeiro de 1929, Tintim e seu cão Milu embarcam em um trem em Bruxelas destinado a Moscou. Para o jovem repórter é o início de uma grande aventura. Para Hergé é o

¹ “Tintin et moi” (2004). Direção: Anders Østergaard.

verdadeiro início de sua carreira. *Tintim no País dos Sovietes* (*Les Aventures de Tintin, reporter du "Petit Vingtième" au Pays des Soviets*), publicado inicialmente no *Le Petit Vingtième* entre janeiro de 1929 e maio de 1930, e lançado em forma de livro em 1930, marcou o começo de um mito, assim como a emocionante premissa de um confronto entre ficção e realidade. Na época em que desenvolveu essa obra, Hergé era muito influenciado por seu patrão, o abade Norbert Wallez, admirador de Hitler e do fascismo italiano². Ao registrar a vida na União Soviética, Tintim denuncia os métodos excessivos do partido comunista como esse era compreendido na Bélgica do início do século vinte. Por razões políticas a obra não foi publicada na Finlândia até 1986.

2. TINTIM NO PAÍS DOS SOVIETES

2.1. Resumo da história

Tintim, o jovem repórter do *Le Petit Vingtième*, é enviado a Moscou para registrar a vida na União Soviética, e durante a viagem sofre diversos atentados de assassinato pela polícia secreta local. No intuito malgrado de liquidar o belga, um bolchevique atira uma bomba e explode o trem no qual Tintim estava. O repórter, então, desembarca em Berlim e é preso ao ser considerado culpado pela destruição do comboio. Contudo, com os alemães em seu encalço, Tintim consegue escapar e acaba chegando em Stolbitzy, na fronteira, onde sofre novos ataques. Lá o jornalista passa a observar os métodos do partido comunista, os quais censura e critica duramente. Ao ser visto por um bolchevique, é tido como espião e precisa fugir uma vez mais. É perseguido até conseguir chegar em Moscou, onde é capturado, preso e levado para a sala de torturas. Os torturadores orientais que pretendiam persuadi-lo a revelar a finalidade de sua viagem são, porém, surpreendidos pelo cão Milu, e tornam-se vítimas de seus próprios instrumentos. Fazendo uso de um escafandro, Tintim consegue escapar de seu confinamento em cela submersa. Após correr de outros bolcheviques que estavam à margem do rio, o jornalista testemunha as condições de vida e a miséria da população russa. Daí em diante, Tintim é capturado outras tantas vezes e por pouco não é fuzilado em todas elas. Mais tarde consegue fugir da União Soviética em um biplano e aterrissa no aeródromo de Tempelhof, próximo a Berlim. Após uma nova captura e outra tentativa de assassinio, o jornalista embarca em um trem e deixa a

² “Tintin et moi” (2004). Direção: Anders Østergaard.

região, de volta à sua terra natal. Depois de toda a aventura, Tintim retorna a Bruxelas onde é aclamado por uma massiva multidão de fãs que o aguardava na Gare du Nord. Esse evento precipitou o sucesso popular do belga, que cresceu gradualmente a cada ano.

2.2. A Representação Anticomunista da Rússia em *Tintim*

Os primeiros livros de Tintim possuem, certamente, uma visão tendenciosa dos locais para onde o repórter viaja. Em *Tintim no país dos Sovietes* (1930) os russos são impiedosos comunistas, e em *Tintim na América* (1932), os nativos americanos dançam ritmos de guerra ao redor de reféns brancos raptados amarrados em estacas. Nessas obras as imagens foram criadas sem análise. Em *Tintim na África*, vê-se o domínio belga como o único modelo pelo qual os nativos congolenses podiam levar as suas vidas³, o que revela um retrato dos tempos coloniais e da visão paternalista que existia na Bélgica no início dos anos de 1930. O próprio Hergé admitiu, posteriormente, que os seus primeiros livros são típicos da mentalidade burguesa da época.

Forte tendência anticomunista está intrincada em *Tintim no País dos Sovietes*. Vemos através do olhar de Hergé uma União Soviética em que volumes de palha são postos na boca das chaminés fabris para simular intensa atividade industrial, tendo como fim escarnecer o desenvolvimento econômico russo. A vitória dos Bolcheviques por unanimidade nas eleições se dá, zombeteira, após eles terem apontado revólveres contra uma população russa de rostos caídos e ombros vergados, forjando o resultado. “Eis como os soviets enganam os infelizes que ainda acreditam no ‘paraíso vermelho’”, escreve Hergé, que chama Moscou de “pardieiro infecto”. Toda a aventura da obra se baseia em uma única fonte: o faccioso livro *Moscou Sans Voiles*, de Joseph Douillet, que na época era o cônsul da Bélgica na U.R.S.S. A obra de Douillet muito contribuiu para alimentar os preconceitos ocidentais e a obsessão anticomunista, e algumas das cenas de *Tintim no País dos Sovietes* foram extraídas diretamente dele.

Na obra de Hergé há ainda diversas referências aos principais líderes da doutrina russa conhecida como bolchevismo. Sempre que falham em sua missão de eliminar o jornalista belga, os bolchevistas exclamam sentenças como: “por Trotski!” e “pela barbicha de Lênin!”. Na página 104 de *Tintim no País dos Sovietes*, o jovem belga é capturado e levado à presença de um líder

³ “Tintin et moi” (2004). Direção: Anders Østergaard.

bolchevista que explica ao rapaz aonde ele se encontra: “está aqui, no esconderijo onde Lênin, Trotski e Stálin amontoaram os tesouros roubados ao povo!” (HERGÉ, 1999, p. 104).

Primeiramente, será definido o significado do termo “Sovietes”, presente no título da obra estudada. Os Sovietes surgiram no ano de 1905 como órgãos da insurreição armada, concebidos pela criatividade revolucionária das massas populares ou, nas palavras de Lênin, como expressão da criação do povo, como manifestação da iniciativa do povo. Eram os órgãos do poder na União Soviética eleitos por todo o povo e as organizações mais representativas e de massas que unem em si as características próprias de órgãos estatais e de organizações sociais. Representavam a encarnação mais completa do caráter democrático do Estado Socialista. Surgidos do proletariado, a classe mais revolucionária, foram se apoiando, à medida que se desenvolviam, em massas cada vez mais amplas e se transformaram em organizações de todo o povo trabalhador. Os Sovietes são a forma organizacional da aliança da classe operária (simbolizada pelo martelo) e o campesinato (simbolizado pela foice) em todas as fases de seu desenvolvimento, na qual se modelou a unidade político-social e ideológica do povo soviético. Após a conquista do poder pelo proletariado, os Sovietes se configuraram como a forma estatal da ditadura do proletariado. Sendo eles as instituições mais representativas dos trabalhadores, criaram sobre as ruínas da velha máquina estatal um novo aparato de poder. Passaram a ser, dessa forma, além de uma organização social uma organização estatal, estando nela expresso a superação do antagonismo entre sociedade e Estado.

Em sua primeira aventura, a luta de Tintim contra os bolcheviques representa o conflito que se conformava com a óptica dos países capitalistas da época, que consideravam os comunistas um risco aos países democráticos e com interesses opostos aos eles. Traços anticomunistas estão presentes em todo *Tintim no País dos Sovietes*, em que os membros do Partido Comunista são representados como indivíduos cruéis, incivilizados e sedentos pelo poder, da mesma maneira como o supracitado Joseph Douillet os retratou em seu livro.

Segundo Carla Simone Rodeghero, o anticomunismo se refere a uma postura de oposição sistemática ao comunismo e àquilo que a ele se identifica. Essa oposição se adapta a diferentes realidades e se manifesta em diversas práticas e representações. Baseia-se no imaginário anticomunista, conjunto de representações, construído por grupos diversos. Trata-se de atividades como produção de propaganda, controle e ação policial, estratégias educacionais, pregações

religiosas, organização de grupos de ativistas e manifestações públicas, atuação no Legislativo, entre outras. Através do discurso anticomunista, símbolos foram utilizadas para caracterizar o comunismo e os comunistas. Pode-se evidenciar a escolha de determinadas imagens que se repetem no tempo e que os relacionam aos demônios e ao inferno. Os comunistas são representados como vermes, abutres, polvos, serpentes, sendo dessa forma comparados à doença, ao estrangeiro, à traição, à ilusão. No terceiro e no quinto quadrinhos, respectivamente, da primeira página de *Tintim no país dos Sovietes*, o metafórico cão Milu comenta antes de chegar na Rússia: “ouvi dizer que há pulgas para aquelas bandas!”, e “disseram-me que também há ratos!” (HERGÉ, 1999, p. 4). Logo, faz-se uma analogia entre os comunistas e as figuras das “pulgas” e dos “ratos” mencionadas pelo *fox-terrier*.

Como é lembrado por Carla Simone Rodeghero, quando os Estados Unidos tiveram que enfrentar o comunismo, no contexto da Guerra Fria, o americanismo foi colocado em cheque e reforçado. Isso pressupunha, por um lado, a sua defesa, e, pelo outro, a estigmatização do comunismo. Nos livros escolares, segundo Fitzgerald, a palavra “democracia” tornou-se sinônimo de oposição ao fascismo e ao comunismo, enquanto que a palavra “capitalismo” raramente aparecia. De acordo com o americanismo (espécie de “ideologia nacional”, com traços de longa data reforçados no período posterior à Segunda Guerra Mundial, em especial na década de 1950 – individualismo, crença na iniciativa privada, defesa das liberdades políticas, patriotismo acrítico, valorização da religião, confiança nas autoridades e nas instituições), o comunismo não representava somente um desafio político, militar e econômico, mas também espiritual, pois ameaçava os fundamentos da vida humana e a relação da alma com Deus. Esse tipo de anticomunismo religioso, o americanismo enquanto “religião de Estado”, teve seu auge na década de 1950. No plano doméstico, a política assumiu o lado sombrio da religião com a caça às bruxas e a exclusão dos “contaminados”.

Carla Simone Rodeghero explica que uma polarização ideológica se formou entre capitalismo e socialismo, com conseqüências internas e externas: o comunismo soviético, o inimigo, era considerado tão diabólico que em nome de sua destruição poderia até se arriscar a destruição da própria civilização através dos armamentos atômicos. Além disso, a União Soviética não era inimiga somente nas esferas militar, econômica e geopolítica, mas também uma inimiga ideológica comprometida, em tese, com a igualdade social e econômica e com a

socialização dos meios de produção, o que a colocava em conflito direto com os Estados Unidos e, como eles, as nações comprometidas com o capitalismo. No entanto, o anticomunismo nos Estados Unidos não foi uma novidade da Guerra Fria. Uma primeira grande onda de temor ao comunismo atingiu o país no final da década de 1910. Seu alvo, nesta fase, estava localizado nas classes baixas, entre os trabalhadores nascidos no estrangeiro e que estariam trazendo consigo doutrinas estranhas do Velho Mundo, ao que se somou o impacto da Revolução Russa. Durante o período entreguerras redefiniu-se a “ameaça vermelha”, que passou a representar uma conspiração dirigida por Moscou, que lançava mão de estratégias como a infiltração, a manipulação e a sedução no campo ideológico.

De acordo com Alan Wood, as ondas de choque emanadas da Rússia em 1917 provocaram um impacto direto ou indireto em toda uma gama de problemas políticos, econômicos, ideológicos, diplomáticos e militares em todo o mundo. As sementes da Revolução foram lançadas ao solo, de acordo com Lênin e como nos lembra o autor, quando da insatisfatória legislação que aboliu a servidão dos camponeses da Rússia em 1861, e se estendeu até a tomada do poder político pelos bolcheviques em 1917. Foi um processo que criou tensões e contradições dentro do Império Russo que só poderiam ser resolvidas pela revolução.

Porém, como aponta Marc Ferro, os revolucionários imaginavam que com Outubro a democracia dos Sovietes instauraria o socialismo, ao passo que, sob a capa desses mesmos Sovietes, Lênin instituiu a ditadura de seu partido e somente dele. Os democratas se indignaram e os vencedores de Outubro aprovaram a ação dos operários, dos soldados, dos camponeses que realizavam a revolução social. Dessa maneira, tiveram por longos anos a maior parte dos trabalhadores ao seu lado. Alguns dentre eles substituíram os veteranos do socialismo que se levantaram contra a insurreição de outubro sob o pretexto de que ela não correspondia ao esquema ideal que tinham imaginado, que levaria à passagem da república democrática à república social. Com os milhares de recém-chegados, para os quais a Revolução significava o começo de uma nova vida, as fileiras dos bolcheviques se engrossaram, e como funcionários do poder soviético, aprovaram necessariamente todas as suas medidas (FERRO, 2004, p. 98).

Entre as páginas 43 e 45 de *Tintim no País dos Sovietes*, os bolcheviques arquitetam um plano para matar o jovem jornalista Tintim enquanto ele dorme. Invadem durante a noite a hospedaria em que o belga se encontra e tentam arrombar a porta do quarto. Porém, Tintim, que

havia sido alertado pelo astucioso cão Milu, os aguardava fantasiado de fantasma. Quando os soviéticos conseguem abrir a porta, deparam-se com o que acreditam ser, realmente, uma aparição, e fogem em pânico. Para assustá-los o belga os denomina como “micróbios”, “miseráveis humanos”, “ervas insignificantes”, e termina proferindo as palavras “a maldição caia sobre vós”, enquanto os russos correm para fora da estalagem. Na página 107, Tintim refere-se ao esconderijo bolchevista como um “antro de vilões”.

Segundo Elias Jabbour, a Rússia foi campeã de crescimento econômico mundial, ao lado do Brasil e do Japão, entre os anos de 1930 e 1980. Um acontecimento de ordem política a ser destacado, já citado anteriormente, é a Revolução de 1917. A Revolução Russa engendrou certas mudanças institucionais que permitiram a tomada do planejamento para fins de domínio sob a ação das leis econômicas. Mas em função do severo clima russo, o percentual de terras usadas para a agricultura e a pecuária é limitado. As terras agrícolas constituem menos de um sexto do território total. Cerca de três quintos da terra arável destina-se ao cultivo e o restante é ocupado por pastagens e campinas. Quase sempre a colheita não é suficiente para as necessidades internas nacionais, tanto pelas grandes variações climáticas quanto pelas ineficiências do sistema de produção das fazendas coletivas estatais.

No século dezanove, a tendência de desenvolvimento das relações capitalistas, que levaram à crescente diferenciação social no interior do campesinato, tornou a servidão um entrave para desenvolvimento das mesmas. Em 1861 a servidão foi abolida e o camponês recebeu a propriedade de terra em que construíra a sua casa. Essa reforma agravou a crise social, pois foi rompida a organização social baseada no Mir (a estrutura comunitária existente anteriormente, entendida pela comunidade aldeã em que não existiam diferenças sociais, sendo a terra da coletividade e partilhada anualmente pelos seus integrantes). Essa reforma transformou o Mir em uma célula administrativa, uma vez que a comunidade era coletivamente responsável pela dívida ao Estado, que assumira o pagamento das indenizações aos senhores da nobreza. O que aumentava, ao mesmo tempo, a compra e venda de terras pelos camponeses enriquecidos saídos da própria comunidade aldeã, os *kulags*.

Na página 81 de *Tintim no país dos Sovietes*, os bolcheviques discutem a questão da falta de trigo. O líder diz: “camaradas... temos falta de trigo! O pouco que temos serve para a nossa propaganda no estrangeiro!!! (...)” (HERGÉ, 1999, p. 81); e vê o seguinte plano como alternativa:

“a única solução é organizar uma expedição contra os ‘kulaks’, os camponeses ricos, e forçá-los pelas armas a entregarem-nos o trigo que possuem. Tenho dito!” (Idem).

Os *kulaks*, aos quais se refere o líder bolchevista, constituíam a burguesia rural, que utilizava sistematicamente o trabalho assalariado em suas fazendas. O seu surgimento se deu durante a decomposição social do campesinato, desenvolvendo-se na Rússia após a Reforma Camponesa de 1861. O czarismo tratou de convertê-los em seu apoio. Depois da Revolução de Outubro, os *kulaks* lutaram ativamente contra o poder Soviético. Como classe, foram suprimidos no começo dos anos de 1930, no curso da transformação socialista da agricultura.

Na página 107 de *Tintim no País dos Sovietes*, o jornalista belga espiona o esconderijo bolchevista. Sem demora, descobre depósitos de trigo, caviar e vodca, e deduz: “então, enquanto o povo russo morre de fome, imensas quantidades de trigo seguem para o estrangeiro para certificar a suposta riqueza do paraíso soviético”. Na porta dos referidos depósitos lê-se “exportação propaganda soviética”. Tintim e Milu em seguida escondem-se em uma “reserva de dinamite”, aonde os bolcheviques armazenam todo o tipo de explosivos, incluindo chedita (explosivo à base de perclorato de amônio) e pólvora. Na porta desse depósito está estampado: “atentados”, apresentando a suposta finalidade das substâncias explosivas.

Pode-se perceber uma crítica infundada e de caráter anticomunista nas páginas 29 e 30 da obra de Hergé. O belga encontra um conjunto de fábricas no momento em que um bolchevique as apresenta para comunistas ingleses como “as maravilhas do bolchevismo”. Logo, o belga julga funcionarem “bem demais” tais fábricas, e decide espionar. Entrando pelos fundos, então, Tintim descobre que os estabelecimentos são somente “cenários de teatro... atrás dos quais queimam palha para fazer sair fumo pelas chaminés fingidas!” (HERGÉ, 1999, p. 30). “E é a isto que o guia chamava ‘o barulho das máquinas!’” (Idem): um russo bate com marretas em chapas de aço para produzir sons semelhantes ao de maquinários em pleno funcionamento. Em seguida, o jovem belga conclui: “eis como os soviets enganam os infelizes que ainda acreditam no ‘paraíso vermelho’”. Entretanto, como lembra Elias Jabbour, a Rússia (U.R.S.S.), assim como o Brasil, industrializou-se de forma acelerada durante um ciclo de depressão internacional (1929-1945). As economias da vigente “cortina de ferro” responderam positivamente aos seus desafios internos, a partir de crises externas que possibilitaram saltos econômicos espetaculares.

A grande quantidade e variedade de matérias-primas existentes na Rússia contribuíram para o desenvolvimento da indústria pesada. O país produz boa parte do aço e a maior parte da maquinaria pesada de que necessita, como caldeiras a vapor, geradores, locomotivas, tratores, automóveis, caminhões, autopeças e máquinas-ferramentas. A industrialização teve início na Rússia nas últimas décadas do século dezanove, e foi dependente dos capitais estrangeiros. A produção era voltada para a exportação, foi favorecida pela enorme oferta de mão-de-obra advinda de êxodo rural, e se circunscreveu geograficamente nos grandes centros urbanos, Moscou e Petrogrado. As conseqüências sociais desse processo foram importantes. O proletariado, em número ainda reduzido apesar do evidente crescimento, concentrou-se em algumas cidades. Embora de origem camponesa, logo se desligou do campo, não apenas pelas condições de trabalho com também pela a ação que os partidos revolucionários exerceram junto dele. As greves e os motins eram constantes. As difíceis condições de vida se agravaram com a desvalorização dos salários, a constante alta nos preços e as fortes taxas de desemprego.

Na página 78, Tintim chega em Moscou e depara-se com um cenário é caótico: ruas em ruínas e repletas de entulhos, casas destruídas, vidraças das janelas quebradas, portas vedadas com tapumes, paredes com o revestimento danificado e os tijolos à mostra... O belga, então, infere: “eis o que os soviets fizeram desta cidade magnífica que era ‘Moscovo’: um pardieiro infecto!”. Em seguida o jornalista observa uma fila de distribuição gratuita de pão para os miseráveis. No entanto, o bolchevique responsável pelo fornecimento dos alimentos só os dá aos que são comunistas. Ao perceber que um dos pobres não o é, chuta-o para fora da fila. Tintim observa: “Mais uma chaga da Rússia atual, estes bandos de crianças abandonadas, a vagabundear pelas cidades e pelos campos, vivendo do roubo e da mendicidade”. O indolente cão Milu completa, em tom piedoso: “pobres pequenos”.

Segundo Maurice Crouzet, a crise pela qual o mundo passava no início da década de 1930 gerou intenso desemprego, que atingiu todos os grupos de assalariados da indústria e a partir daí propagou-se a todos os demais setores, sendo nas minas, nas indústrias de transformação e de construção que os efetivos sofreram as maiores reduções. Já na agricultura, nos transportes e no comércio, o corte foi de menor relevância. De 1928 a 1932, o número de desempregados triplicou no mundo. Em artigo do periódico *The London Evening Standard* (*Famine rules Russia: the 5-*

year plan has killed the bread supply), de 31 de março de 1933, Gareth Jones⁴ coloca a trágica ruína russa como resultado principal do Plano Quinquenal.

The main result of the Five Year Plan has been the tragic ruin of Russian agriculture. This ruin I saw in its grim reality. I tramped through a number of villages in the snow of March. I saw children with swollen bellies. I slept in peasants' huts, sometimes nine of us in one room. I talked to every peasant I met, and the general conclusion I draw is that the present state of Russian agriculture is already catastrophic but that in a year's time its condition will have worsened tenfold (JONES, 1933)⁵.

Segundo Gareth Jones, em todos os lugares a exclamação que ecoou entre os camponeses foi a mesma, “there is no bread” (“não há pão”), uma vez que a poucas milhas de Moscou nenhum pão restava. “The situation is graver than in 1921 (...) It was a localised famine, which had many millions of victims (...) But today the famine is everywhere, in the formerly rich Ukraine, in Russia, in Central Asia, in North Caucasia – everywhere” (Idem)⁶. Como aponta Eric Hobsbawm, um processo semelhante deu-se na França nos anos de 1788 a 1789.

Uma má safra (...) e um inverno muito difícil tornaram aguda a crise. As más safras faziam sofrer o campesinato, pois significavam que enquanto os grandes produtores podiam vender cereais a preços de fome, a maioria dos homens em suas insuficientes propriedades tinha provavelmente que se alimentar do trigo reservado para o plantio ou comprar alimentos àqueles preços (...) Obviamente as más safras faziam sofrer também os pobres das cidades, cujo custo de vida – o pão era o principal alimento – podia duplicar (...) o trabalho cessava no momento em que o custo de vida subia vertiginosamente (HOBSBAWM, 2007, p. 79).

No período que se estende de 1921 a 1928, durante a etapa conhecida como a Nova Política Econômica, o que se pretendeu foi buscar estabilidade para o novo regime soviético. As precárias condições da economia fomentavam a insatisfação e os camponeses sentiam-se ameaçados pelas requisições forçadas. Era necessário conciliar o caráter socialista da Revolução

⁴ Gareth Jones, secretário particular do Sr. Lloyd George, falava inglês fluente e foi o primeiro estrangeiro a visitar a região campestre da Rússia desde o momento em que os soviets restringiram os correspondentes de outros países à cidade de Moscou. Jones retornou a Londres após extenso circuito à pé na Rússia Soviética.

⁵ O principal resultado do Plano Quinquenal foi a trágica ruína da agricultura russa. Essa ruína eu vi e é a horrível realidade. Eu viajei a pé por diversas povoações nas nevascas de março. Vi crianças com os ventres inchados. Dormi em choupanas de campônios, algumas vezes nove de nós em um aposento. Conversei com todos os lavradores que encontrei, e a conclusão geral que inferi é que o presente estado da agricultura russa já é catastrófico, mas no período de um ano a sua condição terá piorado dez vezes.

⁶ A situação é mais grave agora do que em 1921 (...) fome localizada, fez vários milhões de vítimas (...) Mas hoje a fome está por toda a parte, na antes rica Ucrânia, na Rússia, na Ásia Central, na Caucásia do Norte – por toda a parte.

e as exigências camponesas. Em função disso, lançou-se mão da Nova Política Econômica, defendida por Lênin, que consistia em uma economia mista de socialismo e capitalismo e que permitiu a liberdade do comércio interno, o funcionamento de pequenas empresas industriais e o ressurgimento das propriedades rurais pertencentes aos *kulaks*. Foram feitas concessões a empresas capitalistas inglesas, norte-americanas, francesas e alemãs. O balanço dessa Nova Política Econômica foi positivo do ponto de vista econômico, visto que: a produção industrial ultrapassou o nível anterior à guerra, podendo-se afirmar o mesmo em relação aos rendimentos agrícolas. No entanto, a industrialização acelerada exigia capitais, equipamentos e técnicas das quais a União Soviética não dispunha.

Na página 36 de *Tintim no país dos Sovietes*, o jornalista belga se depara com um processo eleitoral em andamento. O resultado, a vitória do Partido Comunista, é imposto pelos bolcheviques que apontam armas para a população indefesa e de semblantes rijos.

O sistema eleitoral para a escolha dos Sovietes, tanto locais e regionais quanto nacionais, favorecia os operários em detrimento dos camponeses. O poder supremo, o Congresso dos Sovietes da União, reunia-se periodicamente e designava um Comitê Central Executivo para dirigir o país nos intervalos dos congressos. O Comitê Central nomeava o Conselho de Comissários do Povo, uma espécie de Ministros de Estado. A autoridade central tinha, portanto, muito poder; aos Estados Federados restava certa autonomia em questões como instrução e desenvolvimento da cultura local. O Partido Comunista era a fonte de todo o poder, minoria atuante que dava as diretrizes aos órgãos públicos.

3. CONCLUSÃO

Elementos e críticas anticomunistas podem ser identificados do começo ao fim de *Tintim no País dos Sovietes*: a postura de oposição sistemática ao comunismo e àquilo que se identifica a ele; a concepção do capitalista da Europa Ocidental em relação aos bolcheviques do Partido Comunista enquanto indivíduos cruéis, desumanos e sedentos pelo poder; a representação figurativa dos comunistas; a visão de Moscou como um “pardieiro infecto”, e a situação da sociedade, caótica e em ruínas, como consequência dos excessos dos Sovietes; o escárnio do processo de industrialização na Rússia e de seu desenvolvimento econômico.

As manifestações anticomunistas podem ser explicadas como um artifício do qual o capitalismo lançou mão para a preservação de seu próprio sistema. A base do capitalismo era contestada pelo socialismo: a propriedade e a empresa privadas nas mãos da burguesia. Tanto o marxismo quanto o marxismo-leninismo preconizavam a extinção do Estado e a igualdade total, a distribuição equitativa dos meios de produção, e a superação da burguesia pelo proletariado, o que fazia com que as características de ordem interna do socialismo entrassem diretamente em conflito com a ideologia capitalista do Ocidente. Logo, reafirma-se que a óptica em relação aos comunistas da maneira como é apresentada em *Tintim no País dos Sovietes* é uma reação do capitalismo em defesa de seus ideais econômicos. Essa visão foi muito difundida no Ocidente durante o século vinte, inclusive no posterior período da Guerra Fria, no qual se consolidou, definitivamente, o antagonismo entre socialismo e capitalismo. A partir daí, as nações comprometidas com o capitalismo passaram a assumir uma ideologia anticomunista.

Através dos olhos de Hergé, essa reação de defesa do capitalismo pode ser exemplificada pela maneira como a suposta ineficiência da industrialização e do desenvolvimento econômico russo são retratados no momento em que Tintim vê um bolchevique colocar palha na boca das chaminés fabris para simular intensa atividade industrial, ao passo que outro martela chapas metálicas para produzir som semelhante ao dos maquinários em funcionamento. *Tintim no País dos Sovietes* nos mostra uma Rússia em estado de caos e ruína, entre os anos de 1929 e 1930. Realmente, a economia da União Soviética passava por um período de grandes dificuldades na época. No entanto, no período conhecido como entreguerras, a economia mundial estava desgastada e exaurida como um todo: os crescentes níveis de desemprego atingiam patamares elevados e traziam consequências devastadoras, a fome se alastrava no âmbito de todos países. Foi uma época, também, de grandes transformações: a Europa deixara de ser o centro do poder, perdera a sua hegemonia e sofria as consequências da ainda recente Primeira Guerra Mundial, da qual foi palco. Nesse período de crises e Revoluções, que se difundiam por toda a parte, a Rússia desempenhou um papel vital na História mundial.

No entanto, diferente da visão anticomunista apresentada por Hergé na obra em questão, o desemprego, a fome, o caos em Moscou e a crise na União Soviética não foram causas atribuídas em exclusivo ao Partido Comunista, que surgiu como uma alternativa ao modelo econômico Ocidental. O que ocorreu no período de 1929-30 foi, sim, uma crise do capitalismo que

repercutiu em todo o globo. Entretanto, os trabalhos de Hergé devem ser vistos como produtos de sua época. Tendo sido um dos principais desenhistas da Europa, são inegáveis as suas contribuições para a evolução das histórias em quadrinhos, visto que as suas revistas retratam o mundo do século vinte em diversos momentos.

No período em que *Tintim no País dos Sovietes* foi lançado estava em voga maciça campanha anticomunista por parte dos países capitalistas, incluindo os Estados Unidos da América. Norbert Wallez, patrão de Hergé durante aqueles tempos, desempenhou papel fundamental como agente influenciador dos trabalhos do desenhista, além do livro “*Moscou sans voiles*” de Joseph Douillet, do qual algumas imagens foram aproveitadas, diretamente, por Hergé. O abade Wallez revelava uma ideologia contrária ao comunismo, e esse era o teor de seu jornal católico e reacionário, numa época em que ia se consolidando a entrada em cena de Hitler, na Alemanha, e do fascismo italiano. Questões como a ausência de estudo acurado do país retratado na obra, a maneira como é visto o bolchevismo, e os alvos particulares do desenhista (a propaganda soviética para persuadir o mundo de que sua economia crescia vertiginosamente, bem como as atividades da polícia secreta russa) poderiam ser alvo de críticas em *Tintim*. Mas essa sátira do Estado soviético por parte de Hergé representa um reflexo do momento histórico no qual se inseria o desenhista, e que tinha muito de sua época, um período de entreguerras em que a economia da maioria dos países europeus encontrava-se em recessão e depressão.

Em resumo, Hergé deve ser visto como um cidadão de sua época, o efervescente início do século vinte, e um típico filho de sua terra, a Bélgica industrial e capitalista. Não que ele fosse um anticomunista radical, mas trabalhava em um jornal católico que possuía essa tendência. E pela ausência de análise dos primeiros países que o repórter Tintim visitou, descritos nos trabalhos iniciais do desenhista, e falha que ele próprio admitiu posteriormente, Hergé transferia às suas obras e aos seus personagens muitos dos pensamentos que estavam intrincados no imaginário das sociedades capitalistas no início da década de 1930.

4. Bibliografia

CROUZET, Maurice. **História Geral das Civilizações**. A época contemporânea: o declínio da Europa – o mundo soviético. Vol. VII. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.

- FERRO, Marc. **A revolução russa de 1917**. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- GOIDANICH, Hiron Cardoso. **Enciclopédia do quadrinhos**. Porto Alegre: L&PM, 1990.
- HERGÉ. **As aventuras de Tintim – repórter do “Petit Vingtième” no país dos Sovietes**. Rio de Janeiro: Difusão Verbo, 1999.
- HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914/1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. **A era das revoluções: Europa 1789-1848**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- MOYA, Álvaro de. **História da história em quadrinhos**. São Paulo: Brasiliense, 1993. p.60-62.
- NORMANO, J. F. **A economia na Rússia**. São Paulo: Atlas, 1945.
- RODEGHERO, Carla Simone. Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil nos anos da Guerra Fria. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 463-488, 2002.
- WEFFORT, Francisco C. (Org.). **Os clássicos da política**. vol. 2. São Paulo: Ática, 1995.
- WOOD, Alan. **As origens da revolução russa**. São Paulo: Ática, 1991.

Filmografia

TINTIM e eu. Direção: Anders Østergaard. Produção: Peter Bech et al. Entrevistadores: Numa Sadoul e Karin Mørch. Entrevistados: Hergé (imagens de arquivo), Michael Farr, Harry Thompson, Andy Warhol, Fanny Rodwell. Trilha sonora: Halfdan E. e Joachim Holbek: Angel Films “Tintin et moi”, 2004. Documentário (75min), son., color.; pb.

Internet

JABBOUR, Elias, ACIOLY, Luciana, DE MIGUEL, Sidney. **Breves notas comparativas em economia e história**. In: I Seminário BRIC – Oportunidades e desafios. Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/internet/conheca/altosestudios/Elias%20-%20BRIC-Revisado.pdf>>.

JACOB, Tara. **Great snakes! The adventures of Tintin: the blue lotus an analytical reading.**

Acesso: 22 de abril 2007. Disponível: <<http://www.tintinologist.org/articles/greatsnakes.html>>

JONES, Gareth. Famine rules Russia. **The London Evening Standard**, Londres, mar. 1933.

Acesso em: 25 jun. 2007. Disponível em: <http://www.colley.co.uk/garethjones/soviet_articles/>.

Soviets. **In: Dicionário Político – Marxists Internet Archive.** Disponível em:

<<http://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/s/soviets.htm>>. Acesso: 18 jun. 2007.

MAR, Irene. Tintin in the land of the soviets. **In: Tintin Books Guide.** Disponível em:

<<http://www.tintinologist.org/guides/books/01soviets.html>>. Acesso em: 18 jun. 2007.